

NOTÍCIAS DO BRASIL

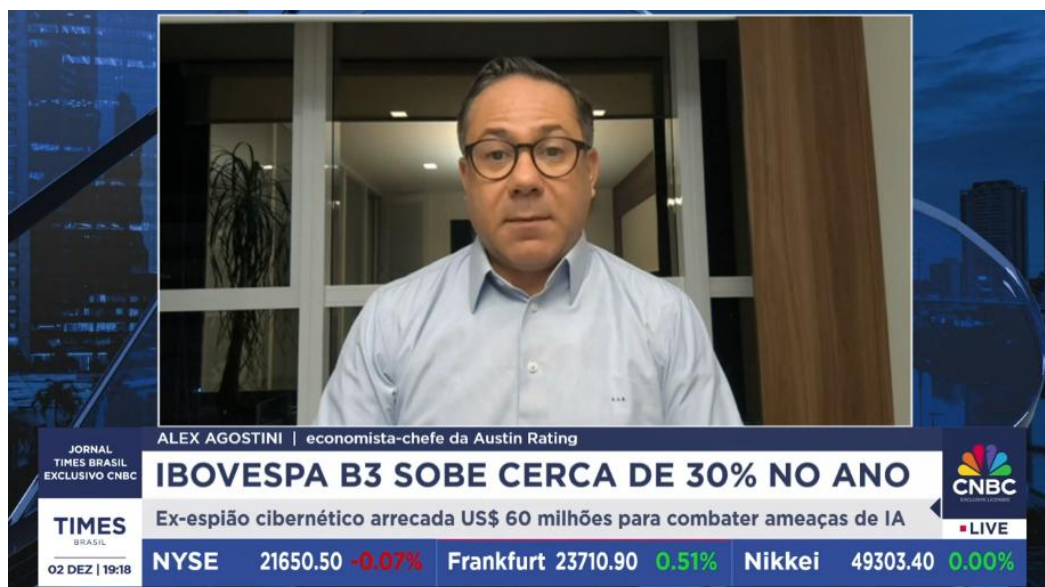
Alta histórica do Ibovespa B3 indica mudança no ciclo global de juros, diz economista

PUBLICADO 02/12/2025 - 20:29 | ATUALIZADO HÁ 7 DIAS

Da Redação

KEY POINTS

- O Ibovespa superou 161 mil pontos pela primeira vez, impulsionado pelas expectativas de corte de juros nos EUA — possivelmente já em 10 de dezembro — e pela sinalização de que o novo comando do Fed terá postura mais “dovish”; investidores também antecipam início da queda da Selic no Brasil em 2026.
- Segundo Alex Agostini, a perspectiva de juros menores melhora o apetite por risco, estimula produção e consumo e favorece a entrada de capital estrangeiro; porém, o risco fiscal doméstico impede uma valorização mais intensa do real.
- Investidores locais voltam à Bolsa com maior visibilidade do cenário monetário, e Agostini avalia que, apesar das incertezas eleitorais de 2026, indicadores como inflação, juros e desemprego seguem estáveis, sem sinais de ruptura macroeconômica.



O Ibovespa fechou acima de 161 mil pontos pela primeira vez, consolidando um novo recorde histórico em meio à perspectiva de mudanças no ciclo global de juros. Em entrevista ao Times Brasil — Licenciado Exclusivo CNBC, o **economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini**, avaliou que o patamar alcançado pelo principal índice da

B3 está diretamente ligado às expectativas de redução das taxas pelo Federal Reserve e ao início de cortes no Brasil.

Para **Agostini**, o avanço do índice é interpretado pelo mercado como sinal de confiança dos investidores. Ele afirmou que o movimento reflete a expectativa de uma reorientação da política monetária norte-americana após indicações de que o governo Trump pretende nomear um novo presidente para o Fed com postura mais branda.

“Há indicações de que na próxima semana, no dia 10, haverá redução da taxa de juros nos Estados Unidos”, disse. Ele também destacou que a futura composição do comando do banco central dos EUA tende a ser “mais dovish”, expressão que ele definiu como alguém “mais brando com relação aos juros”.

Expectativa de cortes no Brasil reforça apetite por risco

Agostini avaliou que o mercado brasileiro acompanha o movimento externo e projeta que a taxa Selic possa começar a cair no início de 2026. Para ele, tanto um corte inicial menor, de 0,25 ponto, quanto uma redução mais intensa a partir de março contribuem para melhorar a percepção dos investidores sobre o retorno esperado para o próximo ano. O economista afirmou que a redução do custo do crédito tende a estimular produção, consumo e investimentos, ampliando o interesse por ações.

Impactos para a sociedade e leitura do cenário doméstico

Questionado sobre como a população interpreta a alta da Bolsa, **Agostini** explicou que o movimento costuma ocorrer em períodos de condições macroeconômicas vistas como mais estáveis. Em sua análise, expectativas de inflação controlada, juros menores e câmbio organizado influenciam a percepção de segurança de famílias e empresas.

Para ele, esse ambiente reduz o risco de perdas no emprego e melhora a perspectiva de retomada gradual da atividade.

Câmbio, reservas e risco fiscal

Sobre o dólar, o economista afirmou que o regime de câmbio flutuante segue funcionando e que as reservas internacionais, próximas de US\$ 360 bilhões, continuam oferecendo proteção ao Banco Central.

Ele avaliou que a tendência de queda dos juros nos EUA pode favorecer a entrada de capital estrangeiro e fortalecer o real. Porém, apontou que fatores domésticos limitam essa valorização, especialmente o quadro fiscal. “Nós temos um problema fiscal. As contas do governo não estão fechando como deveria”, afirmou. Em sua análise, o cenário impede que a moeda brasileira fique “muito abaixo de R\$ 5”.

Investidores locais voltam à Bolsa com expectativas mais claras

Agostini afirmou que investidores brasileiros — institucionais e de varejo — voltaram a aumentar a exposição ao mercado acionário à medida que o cenário de juros se torna

mais previsível. Segundo ele, a manutenção do diferencial de juros entre Brasil e Estados Unidos continuará atraindo capital externo. Ele também citou que a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil pode reforçar o consumo e contribuir para resultados corporativos.

Em sua avaliação, apesar dos riscos ligados ao ano eleitoral de 2026, o ambiente de negociações políticas tende a ser administrado. O economista destacou que, mesmo com necessidades de despesas adicionais do governo, não há sinais de ruptura no cenário macroeconômico. Ele afirmou que indicadores como inflação, juros e desemprego — atualmente em 5,4% — apresentam trajetória considerada estável pelos analistas de mercado.